

Conceição e elas: As ruínas da *escrevivência*¹

Kethlyn Costa de Oliveira²



Resumo: Este trabalho tem por objetivo refletir sobre as concepções trazidas pelo corpo negro em exílio e suas ruínas – essencialmente a representação da mulher negra no espaço ibero-americano – através da obra constituída por quinze contos intitulada *Olhos d'água*, enunciada por Conceição Evaristo (2018). A metodologia utilizada para a análise corresponde em compreender a *escrevivência*, ou seja, o percurso experienciado pelas personagens que ilustram o livro que narram as histórias, estas que servem como uma denúncia e apelo à emancipação social daquelas que vivem nas margens humanas, reconstruindo a sua história pela invocação de latências de rememoração das ancestralidades negras formadas por uma *Arkhé* Nagô – cuja é constituída por um conjunto de conhecimentos que caminham para o fora da epistemologia eurocêntrica, exaltando manifestações culturais de seio africano e brasileiro, os quais carregam as vivências do seu povo. Assim, as vozes das narrativas enunciadas pela autora dialogam com experiências

intermediadas por uma terceira via, unindo o campo do real com o ficcional em notória sensibilidade e crítica à uma sociedade patriarcal marcada pela desigualdade. As articulações das escrituras e do viés teórico são provenientes de conceitos trazidos, sobretudo, por Zambrano (2017), Peterle (2016), Nancy (2001, 2016), Rella (2010), Sodré (2017), Said (2003) entre outros; como também pensamentos de produ es feministas construídos pelo movimento de mulheres negras, sendo os de Davis (2016), Ribeiro (2017) e Werneck (2010).

Palavras-chave: *Escrevivência*; Ruínas; Exílio.

¹ Neologismo criado por Concei o Evaristo para designar seus focos narrativos: vivências.

² Mestranda em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: costakethlyn22@gmail.com

NOTAS INICIAIS

“Ecoou um canto forte na senzala! Negro canta, negro dança, liberdade fez valer... Não existe sofrimento, não existe mais chibata, só existe a esperança para um novo amanhecer! Adorê as almas!”³

Não podemos deixar de perceber – e porventura refletir – que cada corpo no mundo possui diferentes representações, ocupa espaços e compõe experiências diversas; pois somos movidos a momentos sócio-históricos que refletem em nosso tempo de permanência no âmbito terreno. E assim, obtemos distintas consequências no andamento de nossas vidas com inúmeras oscilações e desvios, causando a ausência de equilíbrio social entre as demais pessoas que compartilhamos experiências – do mesmo modo, este devir existe para outrem.

O ser humano dialoga com a desigualdade desde seus primórdios; sejam por questões afetivas, linguísticas, étnicas, religiosas, de gênero, financeiras e ideológicas, o ser humano possui uma tendência de classificar a si e aos outros numa pirâmide de relações. Este fluxo de impressões se configura numa lógica reducionista que se transforma em pontos de isolamento de grupos através de ações violentas; exemplos como o genocídio de povos, subordinações que levam à escravidão, exclusão social e familiar por questões de sexualidade e físicas, assim como a cultura patriarcal que generaliza e coloca a mulher em posição subordinada. Infortunadamente, alguns corpos se consideram no direito de imporem suas vontades e vaidades sobre outros.

Um dos episódios exponenciais que marcaram e modificaram abruptamente o ritmo das civilizações humanas foi o exílio e a escravização transcontinental de povos por iniciativa de grupos europeus. Como são destacados nos documentos, centenas de grupos humanos foram alvos de tentativas de dominações gananciosas por meio de ações que derramaram sangue gratuito de indivíduos que tinham engatilhadas para si armas de pólvora mais mortais do que as que utilizavam para a sua sobrevivência nas terras africanas – cujas foram deixadas para trás pelas severas violências do tráfico negreiro realizadas pelo colonizador, o qual silenciou ao máximo a identidade do povo africano.

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (SAID, 2003, p. 33)

³ Ponto dos Pretos e Pretas Velhas da Umbanda; entidades que auxiliam no desenvolvimento espiritual dos seres humanos para resistirem as adversidades da vida encarnada. Essa linha é composta por espíritos que um dia foram vítimas do modelo escravocrata português no período do Brasil Colônia.

Os povos desterrados, exilados, por não conseguirem se defender igualmente sem as armas de fogo, acabaram abdicando de sua liberdade – com a promessa vã, da ganância europeia, de não ter mais seus iguais e si mesmos sendo vítimas destas mãos estrangeiras desembarcadas em caravelas – cujas conseguiam exterminar numa maior escala certos grupos de pessoas, que pelo simples fato de serem diferentes de si, não eram tratadas como humanas, mas sim como uma moeda de poder e capital. Estas mesmas civilizações que sofreram com massacres seculares tiveram sua cultura reprimida e silenciada pelo pensamento dessa Europa, a qual se encontra no centro do mapa-múndi e possui uma linha histórica distinta da Ásia, África, América e Oceania.

As ações escravagistas – considerando como eixo central deste trabalho a época do Brasil Colônia – serviram como a força motriz na economia colonial dos séculos XVI ao XIX.

Os números não são precisos, mas estima-se que, entre o século XVI e meados do século XIX, mais de 11 milhões de homens, mulheres e crianças africanos foram transportados para as Américas. Esse número não inclui os que não conseguiram sobreviver ao processo violento de captura na África e aos rigores da grande travessia atlântica. A maioria dos cativos, cerca de 4 milhões, desembarcou em portos do Brasil. Por isso nenhuma outra região americana esteve tão ligada ao continente africano por meio do tráfico como o Brasil. O dramático deslocamento forçado, por mais de três séculos, uniu para sempre o Brasil à África. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 39)

O trabalho braçal utilizado neste período foi baseado, por aqueles que tiveram suas terras tomadas à base de latrocínios dos europeus, os nativos, assim como povos do continente africano. “O índio escravizado era chamado de “negro da terra”, distinguindo-o assim do “negro da guiné”, como era identificado o escravo africano nos séculos XVI e XVII.” (ALBUQUERQUE, 2006, p. 40). A extração de pau-brasil e demais matérias-primas fez com que o colonizador branco organizasse expedições a fim de aumentar a demanda de escravizados, ação esta que formou a sociedade brasileira.

O colonialismo – em todos os espaços invadidos– servira como uma forma dos países europeus garantirem lucros e serem reconhecidos, entre eles, como grandes potências comerciais e extrativistas das terras férteis que encontraram em continentes que ainda não tinham sido devastados, assim como serviram de silenciadores das manifestações culturais dos povos invadidos – as quais julgavam primitivas e vãs. Isto foi tido como um pretexto que justificava esses acontecimentos promovidos pela avareza déspota e sem medida dos brancos, que tinham a intenção de implementar ideologicamente seus costumes, crenças e códigos de conduta nos que eram representantes das civilizações díspares. Este roubo abriu uma mancha na história da humanidade, refletindo nos caminhos e vivências de pessoas e seus ancestrais que fazem, e fizeram, o giro capitalista funcionar por muitos séculos.

A Lei Áurea brasileira, validada em 13 de maio de 1888⁴, trouxe a alforria daqueles que ainda eram vítimas da escravidão; todavia não resolveu os problemas causados por esta questão, regulamentando assim, os destinos das famílias que foram largadas à mercê. Desde que esse sistema foi decretado como verdadeiro nesta data, diante dos olhos da legislação, muitos escravizados não sabiam qual rumo se apoderar, já que a maioria era analfabeta e nunca aprendeu de ofício nada além do que fazia quando submetida ao trabalho escravo, cujo existia sem condições básicas e tendo uma remuneração contraditória – se existente.

O enriquecimento colonizador cresceu de maneira expoente durante a escravidão, e para que esse fluxo financeiro não fosse rompido, outras formas de trabalhos precários e mal pagos se difundiram, o que causou a imigração de muitas famílias provenientes de outros países europeus, asiáticos e africanos para o Brasil; além de empregar também as pessoas desamparadas – que migraram para uma possibilidade de recomeçar, um terceiro espaço. Da senzala partiram, criando e mantendo cortiços em guetos –quando não banidas ou exterminadas –, perpetuando ainda, a disparidade social entre quem colaborava com a economia através da força de trabalho e a burguesia, dona das terras, que residenciava no país.

CONCEIÇÃO EVARISTO, NOSSA IYALODÊ⁵, A BÊNÇÃO!

Para Silviano (1978), a terra latina propaga discursos de um *entre-lugar*⁶ através de problemáticas levantadas por aqueles que invocam veredas históricas, defrontando questões sociais condizentes as suas realidades – marcadas pela discriminação realizada por grupos que tentavam silenciar as suas existências, sabotando seus espaços de origem por se autodenominarem superiores e dignos de latrocinar terras estrangeiras – sendo por intermédio de ações colonizadoras; um palco de dor. “A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo.” (p. 18)

Ir contra as ações exploratórias e taxativas vem sendo uma maneira de recuperar as ruínas da sua civilização enquanto percorre por vias de exílio, “buscar um dentro, um interior, que proteja sua alma nascente” (ZAMBRANO, 2010, p. 3) e projete novos horizontes, dissipando o desterro sofrido pelas

4

Disponível

em:

<http://www.historia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/fontes%20historicas/lei_aurea.pdf>. Acesso em 26 de jun. de 2019.

⁵ Para a civilização iorubá, essa designação era dada a todas as mulheres que ocupavam os mais altos níveis de liderança nas suas comunidades.

⁶ Também designado como *terceira via*, o conceito se ocupa em estabelecer um novo espaço que demanda ressignificações não dicotômicas de um pólo neutro ou negativo. Os autores Santiago (1978), Derrida (1995) e Nancy (2001, 2016) são os maiores esportes dessa proposta.

civilizações exploradas para o lucro pessoal de outros. A arte se torna um espaço de recriação da identidade da alma latina ao manusear signos estrangeiros e ancestrais como imaginar melhor, “ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana. ” (SANTIAGO, 1978, p. 28). Sendo assim, conseguimos perceber a gama de possibilidades que ligam a escritura pós-colonialista como transgressora da ordem e do cânone clássico dos conhecimentos europeus; reinventando-se e tomando partido de caminhos jamais explorados.

A professora e escritora mineira Conceição Evaristo, em seu livro *Olhos d'água*, promove a nós um leque pintado por personagens negras compostas numa humanidade sensível em escrituras ritmadas numa estética que remete à linguagem oral. Os corpos que guiam a obra se encontram conflituosamente na corda-bamba da vida e morte – descobrindo o mundo e a si, tendo glória nas suas ruínas, ressacralizando suas divindades e reafirmando a beleza da sua etnia.

Isto não significa submeter o pensamento à lógica do senso comum, que apenas reproduz o visível das representações cotidianas, mas fazê-lo refletir e guardar tanto o visível quanto o invisível do tecido simbólico constitutivo do *comum* fundamental e inerente ao grupo. O pensamento da *Arkhé* comunga com toda filosofia do sentido de *reconstrução* das formas de existência. (SODRÉ, 2017, p. 95)

Não possuindo uma determinada e fechada forma geográfica e social, como aponta Peterle (2016), as ruínas de um povo são os vestígios daquilo que não consegue ser reconstruído em moldes originais, por ser um mundo clivado. Este limiar, marcado pelo imaginário e pela história “que sobrevive e pervive justamente pela potencialidade inerente a esses restos. ” (PETERLE, 2016, p. 243).

Diante desta ótica, cuja conversa com a ancestralidade e as facetas contemporâneas, vamos ilustrar sentidos voltados em como o exílio e as suas zonas de fuga ocorrem em *Olhos d'água* – livro composto de vivências enunciadas por mães, filhas, avós, filhos, em contextos descentrados de uma possibilidade social harmônica e menos desigual. Os focos narrativos da *escrivivência* de Evaristo (2018) são providos por tudo aquilo que lhe representa como brasileira negra, mulher que honra em escrituras a voz do seu povo – a escrita se funde, nesse pacto artístico ancestral e político, o infinito da ficção e a denúncia de realidades em exílio.

POR ENTRE AS RUÍNAS DE OLHOS D'ÁGUA

Olhos d'água

A história é narrada pela filha – já mãe, adulta e longe da sua família e cidade natal – lembrando de um questionamento atônito que a acometeu sobre quais eram a cor dos olhos de sua mãe. Este exercício de rememorar detalhes que lhe escaparam durante os anos a faz refletir acerca dos trejeitos que

desenhavam aquela mulher, cuja trouxe algo que “se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo.” (EVARISTO, 2018, p. 15). Todavia, mesmo não sabendo da cor dos seus olhos, a narradora traz a nós memórias da sua infância, quando vivia com sua mãe e suas seis irmãs mais jovens num barraco frágil que era mantido em pé pela figura materna através das orações para Santa Bárbara⁷ quando ocorriam tempestades. Ela também nos conta do seu passado e nota hereditariedades que se cruzam com a sua mãe, e também, sua filha – como se gerações formassem elos de permanência, exemplos o espaço sociocultural e familiar, criando zonas afetivas em comum.

Os estudos de Zambrano (2010) sobre o conceito de *ruínas* nos faz pensar na realidade como um processo vital, ou seja, a vida é composta pelo sentido de uma cronologia orgânica, pelas flutuações dos acontecimentos que vão marcando história, edificando monumentos – sejam esses de cunho material ou abstrato –, e desencadeando a estima por aquilo que desenha o passado. A catarse é provocada quando se percorre esses caminhos, porém diferente de uma tragédia grega, seu autor passa a ser oculto:

A contemplação das ruínas cura, purifica, alarga o ânimo fazendo-lhe abarcar a história e seus vaivéns como uma imensa tragédia sem autor. As ruínas são em realidade uma metáfora que alcançou a categoria de Tragédia sem autor. Seu autor é simplesmente o tempo. E a tragédia brota da esperança em luta exagerada com a fatal limitação do destino, das circunstâncias. (ZAMBRANO, p. 4, 2010)

Em vista disto, concebemos a potência matriarcal como ruína em *Olhos d'água* ao passo que as memórias da sua época de menina revisitam experiências numa nostalgia que faz a narradora percorrer as vias que a levam novamente ao encontro dos olhos da amada mãe – os quais refletem as águas doces de Oxum⁸.

Evaristo (2018) quando utiliza na sua obra elementos que fazem parte da cultura afro-brasileira nagô, enfatiza suas raízes negras e toda a gama simbólica e metafórica. “Nessa linha de pensamento regida por cosmogonia e ancestralidade, o ser humano constitui-se de materiais coletivos (procedentes das entidades genitoras divinas e dos ancestrais) e de uma combinação individual de materiais, responsáveis por sua singularidade.” (SODRÉ, 2017, p. 177). As crenças dos orixás, assim como a figura materna – que nos momentos aonde a fome apertava se fazia de boneca para as filhas driblarem os estômagos acostumados a *comer nuvens*, e numa felicidade infantil, endear a *boneca-mãe* – passam a ser composições que remetem às ruínas, elementos contemplativos, conjunto das vivências que depois de muitos anos são revisitadas através das cadências da saudade.

⁷ Sincretizada na Umbanda como Oiá/lansã, orixá que rege os poderes dos ventos, raios, trovões e das tempestades.

⁸ Orixá da beleza, fertilidade e do amor que habita a água doce das cachoeiras.

Ana Davenga

A literatura, como manifesto político, abre espaços para denúncias; desta forma a violência, assim como as demais mazelas humanas, recorrentemente se manifesta em escrituras que carregam em si fios dramáticos, corporificando momentos de dor e morte. Indagar sobre isto é também perceber que o sofrimento, quando levado ao campo artístico, é mais do que uma estetização – o que veiculadores de uma narrativa vivenciam nesses mundos ficcionais cabe ao processo de criação, que pode universalizar questões também ocorrentes nas esferas reais humanas. Tratamos *Ana Davenga* como um exemplar testemunhado dos homicídios que afligem a mulher negra. Tomando como contexto a situação brasileira, Ribeiro (2017) salienta:

Segundo o Mapa da Violência de 2015, aumentou em 54,8% o assassinato de mulheres negras ao passo que o de mulheres brancas diminuiu em 9,6%. Esse aumento alarmante nos mostra a falta de um olhar étnico racial no momento de se pensar políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres, já que essas políticas não estão alcançando as mulheres negras. O “mulheres” aqui atingiu, majoritariamente, mulheres brancas. (p. 25)

O conto expõe, de maneira humana e sensível, a morte pela polícia de uma inocente que carregava no ventre o fruto do seu amor com Davenga – marido e líder da quadrilha que assaltava a burguesia da região. Sendo descrito como um ardiloso e forte homem, quando estava com Ana na intimidade, aonde as portas do barraco se encontravam fechadas, “tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança. Soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo, ficavam úmidos das lágrimas de Davenga. E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, sentia uma dor intensa.” (EVARISTO, 2018, p. 23).

Tendo o poder de tocar os leitores atentos com sentimentos melancólicos, a visão de *pathos* discorrida por Rella (2010) defende o poder da literatura de desenvolver gamas emocionais por meio da experiência cúmplice e empática da obra literária, como um coração exposto ao mundo aonde há “a experiência e o conhecimento de uma realidade que não pode ser traduzida em conceitos e discursos.” (p. 40, tradução nossa)⁹. O ciclo de acontecimentos pungentes no enredo é capaz de nos transportar, pela imaginação, naquela atmosfera ficcional que evidencia atitudes criminosas que são abafadas, e seus possíveis resultados.

A representação das experiências de morte narradas nos faz pensar, além de tudo, nos papéis midiáticos que noticiam tragédias causadas pelos conflitos armados entre os servidores de segurança e os cidadãos. Evaristo (2018) faz parte de um grupo feminista de ativistas que delatam, através da palavra, o acaso dos meios difusores à vida da mulher negra por campos interseccionais, permitindo a problematização social das relações de adversidade entre

⁹ “la experiencia y el saber de una realidad que no puede ser traducida em conceptos y discursos.” (RELLA, 2010, p. 40)

indivíduos; sendo que “reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida. ” (RIBEIRO, 2017, p. 26). A existência da nossa protagonista, quando apagada por uma metralhadora policial que entrara de supetão, é completamente omitida nas redes de transmissão que se estão além do seu lar – o qual poderia continuar sendo um lugar alegre e cheio de amor, como seu fraterno aniversário surpresa de vinte e sete anos.

Duzu-Querença

Exílio foi o que Duzu sofrera, desde menina, quando saiu do litoral pesqueiro com sua família e foi para a cidade viver e trabalhar na casa de D. Esmeraldina – a qual tinha prometido em vão que lhe daria oportunidade de estudar. Limitada aos corredores que a guiava curiosamente para quartos aonde as demais mulheres que viviam no bordel, descobriu do toque masculino e do dinheiro provido da prostituição ainda criança. “Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida. ” (EVARISTO, 2018, p. 36)

Os efeitos da escravidão perpetuam, mesmo depois que foi criminalizada pela lei, nas veredas de vidas negras; decorrendo “ao longo de todos os anos de vigência do regime escravista, africanas e africanos, afrobrasileiras e afrobrasileiros, tiveram que enfrentar altas taxas de mortalidade infantil, materna e de adultos; epidemias; violência; traumas físicos e psicológicos. ” (LOPES; WERNECK, 2010, p. 6). *Duzu-Querença* passa a ser, dessa forma, um retrato da mulher que foi construída pelas condições marginais que lhe foram oferecidas, e também vivenciadas pelos seus filhos e netos – retomando o seu legado nos morros e nas ruelas.

Estas proscricções, quando acontecem, marcam para sempre a vida das pessoas, mas convergem com suas memórias – interferindo nas demais consequências que se concretizam num presente-futuro, uma espécie de efeito borboleta que minam a sua realidade. “O exílio, ao contrário do nacionalismo, é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado. ” (SAID, 2003, p. 36).

O ser humano é constituído por tudo aquilo que o cerca ou acaba por envolvê-lo; sendo que muitas vezes o que intercorre uma influência polifônica de influências – quiçá externas, que acabam interferindo na identidade de cada uma de maneira distinta e não linear. Reflexos da escravidão acabam tecendo o conto, a ideia de ‘possuir’ um corpo e tratá-lo como serviçal é um acontecimento histórico decursivo e desigual, sendo que o processo de reconstrução da identidade e autoestima daquele minorizado não é apurada; como declara Werneck (2010):

As mulheres negras não existem. Ou, falando de outra forma: as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas

históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos. (p. 76)

A vida e morte de Duzu se mostra, para nós leitores, numa experiência orgânica e caótica de exílio social, o qual mina a exclusão e a escassez de oportunidades diferentes da prostituição, periferia e miséria. Seu destino, conduzido desde menina por D. Esmeraldina após o adeus dos seus pais, foi de subalternidade, submetendo-se assim, as mãos daqueles que tratavam – o seu corpo – como propriedade, e também des zelo.

Maria

Se fossemos eleger o nome que mais habita a identidade das mulheres brasileiras seria o que originou ao título deste conto. *Maria* universaliza a realidade de um representativo número de mães que se mantêm como prestadoras de trabalhos na casa de outras famílias – eventualmente brancas e que lhe dão as sobras daquilo que não lhes têm mais serventia – e, por vezes, criando seus filhos sozinhas. “Há a tentativa das pessoas brancas em dizer o quanto elas são importantes e “quase da família”, ao mesmo tempo em que elas ainda seguem ocupando um lugar de marginalidade.” (RIBEIRO, 2017, p. 27).

O enredo desempenha seu conflito quando, após mais um dia de serviço, Maria entra na condução rumo a casa e vê que o pai dos seus filhos, depois de muitos anos, indo a sua direção e sentando no banco ao lado do seu.

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem, entretanto, virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. (EVARISTO, 2017, p. 43)

Com rispidez o homem e mais um do fundo do ônibus iniciam um assalto aos passageiros. Visto que Maria, quando poupada, acabara sendo o bode expiatório da revolta dos demais indivíduos – morrendo linchada numa cena humilhante, sem ao menos mandar o beijo do pai para os filhos. A potência dramática das vozes de Evaristo (2018) denuncia o desprezo dirigido alguém que não é responsável pela desigualdade financeira – o que leva sujeitos a irem para a criminalidade. A literatura como relato – que “abre a fala a ela mesma, à sua própria pulsão e pulsação” (NANCY, 2016, p.77) – exprime eventos quais num campo de possibilidades ficcionais paralelizam com a realidade, onde o “sentido não é acrescentado nem suposto aos fatos, ele é seu *acontecer*, é o seu *vir*.” (NANCY, 2016, p.77). E assim, a história se suspende numa mãe que teve sua vida usurpada, pisoteada por aqueles que sequer imaginaria que devia temer.

Quantos filhos Natalina teve?

O ato de abortar sempre gerou polêmicas e controvérsias; alguns indivíduos se posicionam contra e consideram o rompimento da gestação como assassinato, já outros defendem o direito da mulher de dar à luz apenas quando decidir, sendo “um pré-requisito fundamental para a emancipação das mulheres.” (DAVIS, 2016, p. 205). Neste conto temos a oportunidade de ler sobre Natalina e as memórias das gravidezes interrompidas no decorrer da sua vida, assim como o porquê de aceitar com felicidade o feto, provido de violência sexual, que estava por último se desenvolvendo em si. “Aquele filho ela queria, os outros não. Os outros eram como se tivessem morrido pelo meio do caminho. Foram dados logo após e antes até do nascimento. As outras barrigas ela odiara.” (EVARISTO, 2018, p. 45)

As experiências das gravidezes fracassadas e negadas pela protagonista – cujas sua mãe também forçara as dela com chás abortivos – agregou amor ao fruto do estupro que sofrera, pois assim lhe deu a oportunidade de criar um filho que seria apenas seu – e não de Bilico, Tonho, do patrão, ou mesmo daquele homem que a violentou –, fazendo desabrochar sua maternidade depois de fugir, sozinha e com feliz esperança, da sua terra natal. Uma mulher, nessas condições, está posta ao exílio, pois sofre com “uma passagem negativa ou com o próprio ato de negatividade, entendida como o motor, o recurso a uma mediação que garante que a expropriação acaba sendo reconvertida em reapropriação.” (NANCY, 2001, p. 3).

O aborto é, sobretudo, uma questão social a ser pensada; e Evaristo (2018) nos sensibiliza a perceber os caminhos de Natalina desde sua primeira gestação, aos quatorze anos, interrompida pelos conhecimentos *fitoindutores*¹⁰ da personagem Sá Praxedes. “As mulheres negras têm autoinduzido abortos desde os primeiros dias da escravidão. Muitas escravas se recusavam a trazer crianças a um mundo de trabalho forçado interminável, em que correntes, açoites e o abuso sexual de mulheres eram as condições da vida cotidiana.” (DAVIS, 2016, p. 207). Cabe-nos então, experienciar em *Quantos filhos Natalina teve?* o universo que assola uma grávida, o que pode levar ela a continuar com seu filho ou não; acrescentando em nós a empatia de reconhecer uma realidade de muitas mulheres que interrompem o desenvolvimento de fetos, entendendo também quando resolvem ter um filho gerado de um abusador sexual – cujo é morto por Natalina, num gesto afobado, pela própria arma. “Um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte.” (EVARISTO, 2018, p. 53)

Beijo na face

Iemanjá – rainha das águas salgadas, dos seres aquáticos, estrelas e nuvens – ajudou a criar o mundo com Olodumare¹¹, dando a regência aos

¹⁰ Termo que pode designar a utilização de plantas para induzir o aborto.

¹¹ Orixá que rege todas as forças do Universo, fio condutor de todas as outras divindades.

demais orixás que foram providos de si os elementos primários da natureza – de acordo com o livro de Reginaldo Prandi (2001) *Mitologia dos Orixás*. Um dos seus filhos, Orungã – orixá dos ventos –, nutrido de desejo pela mãe, resolveu violentá-la quando seu pai não estava. Assustada, lemanjá correu interminavelmente para escapar do incestuoso que tinha a velocidade de ventania, porém, “caiu desfalecida e cresceu-lhe desmesuradamente o corpo, como se suas formas se transformassem em vales, montes, serras.” (PRANDI, 2001, p.382). Do seu leite também surgiram dois rios, e os e as orixás: Dadá¹², Xangô¹³, Ogum¹⁴, Olocum¹⁵, Olossá¹⁶, Oiá¹⁷, Oxum¹⁸, Obá¹⁹, Ocô²⁰, Oxóssi²¹, Orum²², Oxu²³, Exu²⁴, entre outros. Do sofrimento de lemanjá nasceram aqueles que governam as direções do mundo; da resiliência construída, após muito derramar lágrimas, abrigou e amamentou uma criança enferma de varíola deixada por Nanã²⁵ numa gruta da praia – Omulu²⁶ –, fazendo dele seu filho amado, presenteando-o com pérolas e uma veste de ráfia para cobrir as suas feridas. lemanjá é a protetora das famílias, dos bebês e das gestantes!

Salinda – aquela que tem a face amorosamente beijada –, assim como a mãe de todos os *oris*²⁷, também foi perseguida no conto, mas não por uma divindade, e sim pelo marido abusivo que lhe atormentara a paz. “Mesmo estando entupida de alegria, com uma canção a borbulhar no peito, Salinda precisava embrutecer o corpo, os olhos, a voz. Estava sendo observada em todos os seus movimentos. A vigilância sobre os seus passos pretendia, se possível, abarcar até seus pensamentos.” (EVARISTO, 2018, p. 56). A protagonista, como caminha em passos leves para não ser descoberta, encontra o refúgio na morada de sua tia em Chã de Alegria – lugar aonde pode se

¹² Deusa do mundo vegetal.

¹³ Deus que rege a justiça e os trovões.

¹⁴ Deus que possui o domínio da metalurgia e das estratégias de guerra.

¹⁵ Divindade do mar.

¹⁶ Deusa dos lagos.

¹⁷ Deusa do rio Níger.

¹⁸ Deusa do rio Oxum.

¹⁹ Deusa do rio Obá.

²⁰ Orixá da agricultura.

²¹ Orixá dos caçadores.

²² O Sol.

²³ A Lua.

²⁴ Orixá mensageiro dos caminhos e da magia.

²⁵ Orixá considerada uma das mais ancestrais, senhora que habita os pântanos que de lá fora retirada a lama para a moldagem do ser humano por Oxalá e Exu.

²⁶ Orixá protetor dos enfermos.

²⁷ Em iorubá significa “cabeças”.

encontrar com o seu verdadeiro amor, sendo ele daquela mulher que lhe fitava na frente do espelho, o próprio.

Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. E o que parecia pouco, muito se tornava. O que finito era, se eternizava. E um leve e fugaz beijo na face, sombra rasurada de uma asa amarela de borboleta, se tornava uma certeza, uma presença incrustada nos poros da pele e da memória. (EVARISTO, 2018, p. 62)

Chã de Alegria serviu para Salinda como refúgio da petulância do marido, espaço aonde poderia descansar das camuflagens calculadas para despistar aquele que a prendia num relacionamento abusivo; “em seu exílio, ela está protegida, ela não pode ser expropriada de seu exílio.” (NANCY, 2001, p.4). Seus filhos, como também si mesma, estavam a salvo quando se abrigavam no lar da tia – seu corpo se potencializara quando transformado em morada, reconstruído suas zonas afetivas.

Luamanda

Mesmo que a *vida-estrada* lhe tenha sido turbulenta, Luamanda percebe que o breu que veste a sua pele é de uma beleza jovial, mesmo que a existência tivesse lhe acontecido por fases duras e passionais – quiçá tomadas por encontros com outros corpos. As memórias trazidas pela protagonista do conto desses momentos íntimos nos permitem percorrer livremente entre os segredos de uma mulher bissexual que se tornara dona de si e do seu prazer, como também, responsável pelos cinco filhos – sendo que todos, no tempo-evento correspondente a narrativa, já passaram pelas experiências do sexo – gerados de alguns acontecimentos movidos pela sua comunicação com a lua. “Com o relato, desposa-se a própria dimensão: a distensão do sempre-já e do nunca-ainda, a suspensão do evento.” (NANCY, 2016, p.78). A narração nos oferece, como leitores, os cursos da personagem que se nota em picos de paixões que magnetizavam outras, trazendo momentos de descobertas, apreços e negação quando contraía uma doença sexualmente transmissível.

Entre encontros e desencontros, Luamanda estava em franca aprendizagem. Uma aprendizagem no por dentro e fora do corpo. A cada amor vivido, Luamanda percebia que a lição encompridava, mas que ainda faltavam testes, arguições, sabatinas e que ela sabia só um pouquinho ou talvez nem soubesse nada ainda. (EVARISTO, 2018, p. 67)

A subordinação da mulher negra – financeira, profissional, moral, intelectual e sexual – foi um episódio dos períodos escravagistas, sendo aquela que envolve o seu corpo e o seu sexo a mais decorrente. “Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas.” (DAVIS, 2016, p.20). Tomar a independência dos seus corpos e

das suas existências tem sido uma árdua luta até a contemporaneidade para as mulheres negras; e a escritura, mais uma vez aqui, toma-se como um espaço em que se expõem questões a serem refletidas por nós em sociedade.

Os fatores sócio-históricos colocaram a mulher negra – assim como todas aquelas que pertencem a grupos étnicos não brancos – numa zona de conflito com a sua autoestima; resultado de uma corrente midiática e econômica que centraliza a beleza branca e apenas coloca outros corpos como “exótico”, bane o outro por ter a pele e traços distintos do europeu. Luamanda, ao reconhecer o deleite do seu corpo, explora vias, que de um modo geral são negadas as mulheres até a atualidade, pois sabemos que a sexualidade feminina sempre foi um tabu – o erotismo, ocasionalmente, quando não segredo passa a ser vulgarizado por outrem, ou mesmo motivo de vergonha para a própria mulher.

O cooper de Cida

Cida “era uma desportista natural. Corria o tempo todo querendo talvez vazar o minguido tempo do viver. ” (EVARISTO, 2018, p. 69). Dona de um movimento nato que desafiara o relógio, *ganhava a rua* percorrendo na corda bamba do *espaço-tempo* da vida – esta que estava sempre aberta ao futuro, não se ocupando de preencher as linhas do pensamento com memórias, pois a moça não era adepta a nostalgias melancólicas. Seus pés, assim como todo o seu corpo, sempre estavam guiados para frente, correndo, para “reconstruir uma identidade a partir de refrações e descontinuidades [...]” (SAID, 2003, p.37). Recriando as suas raízes na cidade do Rio de Janeiro, Cida se refaz num sentimento urgente de ir ao encontro desse novo mundo, que diferente da sua terra natal, percorre o tempo numa cinesia de metrópole que lhe propiciara grande demanda.

Ao passo que a protagonista insere o leitor adepto a dar consigo esse giro na turbulência da sua vida, mostra-nos a sua gana de lutar contra o tempo, sendo uma máquina dinâmica que procurava não o desperdiçar; “amores tinham de ser breves. Cursos, estudos, somente aqueles que proporcionassem efeitos imediatos. Nada de sala de aula durante anos e anos e de leituras infinitas. ” (EVARISTO, 2018, p. 71).

Todavia, numa das suas corridas solitárias que fazia na praia, foi tomada por sentimentos de inércia e contemplação, tinha parado para perceber o azul do mar e tudo o que o cercava, perdendo a noção das horas e da sua habituada dinâmica que vivia às pressas. “Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida. ” (BENJAMIN, 1987, p. 200).

Em *O cooper de Cida* podemos refletir na experiência de uma mulher que um dia resolve parar para perceber o mundo. O conto universaliza uma latência da vida de muitas pessoas, a de apenas ser e não precisar fazer nada para se

sentirem vivas. Evaristo (2018) nos mostra o primeiro momento em que alguém nota o mar, mesmo percorrendo paralelamente às suas flutuações.

Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos

O conto é vivido por uma das gêmeas que possui, como a maioria das crianças, a grande querência por brinquedos – Zaíta –, uma das filhas menores de uma mãe já cansada pela rotina e um pai que está em busca constante e desesperada por um emprego, os quais já tem filhos homens que ganham a vida de diferentes formas. “Gêmeas. Eram iguais, iguaizinhas. A diferença estava na maneira de falar. Zaíta falava baixo e lento. Naíta, alto e rápido. Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, de mistérios e de sofrimento.” (EVARISTO, 2018, p. 76). A pobreza do morro e a falta de oportunidades fez com que risco de bala perdida crescesse pelos confrontos de gangues, sendo que um desses eventos acabara encontrando a vida da protagonista enquanto procurava a irmã por entre os becos. “Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar.” (EVARISTO, 2018, p. 80)

O lugar social de cada indivíduo reflete diretamente com a sua segurança. A maioria das pessoas que moram nas periferias já possuem, empiricamente, algum episódio ao menos que sofrera ou que alguém próximo sofreu de violência – sendo como vítima ao até como o autor do ato que abalou a paz do meio em que cometera o crime. Ribeiro (2017) ressalta como:

[...] fato de que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, o que mostra que indivíduos negros compartilham experiências de violência estatal pelo fato de pertencerem ao grupo negro (*locus social*), do que perder energia em falar das experiências individuais distintas como se isso não fosse próprio do humano. (p. 39)

A escritura, quando trabalha com esses campos de sentido, exerce o papel político de *alto-falante social*, pois denuncia nas suas palavras um sintoma vivido por muitos corpos em algum espaço, podendo dar significação as infinitas possibilidades das vielas da criação. “Não há democracia sem literatura, não há literatura sem democracia. Sempre é possível não querer saber nem de uma nem da outra” (BENJAMIN, 1987, p. 47), a arte se encontra autorizada em desenvolver, pelos caminhos da ficção, questões que assolam a humanidade. “A leitura não é uma conversação, ela não discute, não interroga.” (BLANCHOT, 2011, p. 211). O leitor em *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos* tem que estar disposto a mergulhar sem encontrar pontuais respostas de um porquê nessa área de conflito armado dos becos nas periferias, aonde jovens já possuem contato com as armas, drogas e a morte.

Di lixão

A saúde de Di lixão não andava nada bem – seus dentes estavam infeccionados e o chute que ganhara do seu colega de *quarto-marquise* tinha

também machucado para sempre suas partes íntimas. Padecendo em condições miseráveis, sem estrutura familiar – a única que teve contato foi a mãe, cuja repugnava e maldizia, estava morta, sendo que a mesma levava a vida na prostituição – e quaisquer condições sociais favoráveis – pois vivia nas ruas –, o protagonista é posto à mercê.

Quando estava em posição de feto no seu abrigo, Di lixão lembrou, num réquiem de lamentações, o quanto odiava sua mãe em memórias tomadas pela vergonha onde ela lhe puxava o pênis quando urinava nas calças. No presente-tempo da história o protagonista, ao esvaziar sua bexiga, percebe que no líquido saia sangue, assim como da boca se sentia o caroço de pus – corpo o seu estava infeccionado, à deriva, sendo velado apenas pela nuvem tempestuosa que lhe rondava a paz.

Tudo doía. A boca, a bimbina, a vida... Deitou novamente, retomando a posição de feto. Já eram sete horas da manhã. Um transeunte passou e teve a impressão de que o garoto estava morto. Um filete de sangue escorria de sua boca entreaberta. Às nove horas, o rabeção da polícia veio recolher o cadáver. O menino era conhecido ali na área. Tinha a mania de chutar os latões de lixo e por isso ganhara o apelido. Sim! Aquele era o Di Lixão. Di Lixão havia morrido. (EVARISTO, 2018, p. 86)

Mais uma vez Evaristo (2018) nos traz a exposição de uma fatalidade ocorrente entre jovens que desde o nascimento estão se debatendo numa escassez de qualidade de uma vida, desterrados de condições que estivessem além da margem e solidão. “Mesmo que exija do leitor que ele entre numa zona onde o ar lhe falta e o chão lhe escapa, mesmo que, fora dessas abordagens tempestuosas, a leitura pareça ser participação na violência aberta que é a obra” (BLANCHOT, 2011, p. 213); pelas palavras, Di lixão é carregado por aqueles que o leem, sepultado por todos que queiram receber de suas dores.

Lumbiá

O trabalho informal, além do crime, é um caminho tomado por muitos jovens que se encontram nas derivas sociais – a venda de doces, bebidas, objetos e afins passam ser uma das alternativas a aqueles que precisam ao fim de cada dia levar o lucro para agregar na renda familiar. Esta realidade se aplicou a Lumbiá, cujo preferia comercializar flores do que amendoins ou chicletes, facilmente vendidas pela sua lábia. “Tinha até um estilo próprio de venda. Ficava observando os casais. O momento propício para empurrar o produto era quando o casal partia para o beijo na boca. Ele assistia às bocas descolarem para oferecer a flor.” (EVARISTO, 2018, p. 87)

Nas épocas natalinas, o protagonista nota o quão belo são os meninos Jesus que descansam em presépios, como narra Evaristo (2018):

Todos os anos, desde pequeno, em suas andanças pela cidade com a mãe e mais tarde sozinho, buscava de loja em loja, de igreja em igreja, a cena natalina. Gostava da família, da pobreza de todos, parecia a sua. Da imagem-mulher que era a mãe, da imagem-homem que era o

pai. A casinha simples e a caminha de palha do Deus-menino, pobre; só faltava ser negro como ele. (p. 90)

O conto traz as ruínas do povo negro ao passo que paraleliza *Deus-menino* com os *erês*²⁸, sendo a *Arkhé* “que atesta e continuamente confirma a presença na história nacional de um complexo paradigma civilizatório, diferencialmente distante do modelo europeu centrado nos poderes da organização capitalista e da racionalidade dos signos.” (SODRÉ, 2017, p. 88). Por este motivo, Lumbiá se sentia representado naquela imagem que era tão menino quando si mesmo; e assim resolve furtar um exemplar da loja Casarão Iluminado, que teria o maior presépio da região, e sem sucesso com o feito, sua morte atropelada nos é segredada, “em relação com a existência anônima das grandes cidades, esse abandono que faz de alguns seres errantes, caídos fora de si mesmos e fora do mundo, já mortos de uma morte ignorante que não se consuma.” (BLANCHOT, 2011, p.129).

Os amores de Kimbá

A identidade recriada do protagonista, que dá nome ao título, “foi o apelido que um amigo rico, viajado por outras terras, lhe dera. O amigo notou a semelhança dele com alguém que ele havia deixado na Nigéria. Então, para matar as saudades que sentia do amigo africano, rebatizou Zezinho com o nome do outro. O brasileiro seria o Kimbá.” (EVARISTO, 2018, p. 94). Depois deste batismo percebeu Kimbá que estava mais à vontade com sua nova designação, pois negava suas origens da favela e desprezava as mulheres que compartilhavam consigo o mesmo sangue, gostava apenas do seu irmão Raimundo, cujo era adorado por todos os sexos.

Detestava a pobreza, a falta de conforto, a fossa exalando o cheiro de merda. Detestava o rosto lavado lá fora no tanque, o café no copo vazio que antes fora de geléia de mocotó, o pão comprado ali mesmo na tendinha. Detestava a voz alta e forte da mãe, as rezas de Vó Lidumira, os cuidados das tias e os olhares curiosos das irmãs. (EVARISTO, 2018, p. 95)

As raízes do jovem lavraram em conjunto com o triângulo amoroso que formara com seu amigo e a amiga do seu amigo que viam no protagonista um *negro lindo* – todavia, mesmo que desejasse todo corpo, Kimbá gostava era mesmo de Beth, a qual até é nomeada e posta como musa, sendo que achava o toque de alguém igual a si estranho, distanciando-se dos carinhos de Gustavo. Sujeito antes era apenas mais uma sombra negra nebulosa que percorria nas correntes abissais da sociedade, estava no presente-espço da narrativa num lar longe do morro e perto dos seus amores que recebia passionais admirações, propostas e mimos.

Kimbá, registrado antes Zezinho, contrapôs-se as raízes matriarcais que compunham a graça do seu código genético, assim como esclareceu o seu ‘não’

²⁸ Entidades que para a Umbanda são representadas por crianças.

para o amor do amigo, apenas se abrindo para Beth – situações que o fizeram morrer, numa tentativa fugir delas.

Ei, Ardoça

A presença de uma estação ferroviária é marcada na vida e morte de Ardoça, assim como as linhas deste conto que tiram o leitor proposto a transitar pelos mundos possíveis da sua inércia imaginativa. Era filho de uma “moradora do subúrbio, fazia a viagem diária rumo ao trabalho. Ela grávida, ele estufando na barriga materna respondia aos solavancos do trem com chutes internos. Depois, cá fora, no mundo, no colo da mãe, acordava e chorava durante todo o tempo da viagem.” (EVARISTO, 2018, p. 103).

Em meio ao tumulto plural do bálsamo furioso de trem e pessoas, Ardoça – na escritura já homem e pai – estabeleceu uma insônia atenta ao caos que o manteve despertado desde suas épocas de menino, já que se imaginava tendo seu corpo dilacerado pelas máquinas de fumaça; podendo apenas ter seus olhos fechados quando a morte veio prematura consigo estar.

Só o relato põe em obra a tensão – espera e atenção, para além de toda intenção – na qual se dá a sentir o irrecusável privilégio do caminho, da via, do *método* tal como a filosofia o reconhece, mas, mesmo o reconhecendo, não pode se impedir de tendencialmente reduzir e de reabsorver. (NANCY, 2016, p. 69)

O terceiro espaço experienciado por Ardoça – o que estava além de si e da estação ferroviária – é uma estrada que partiu ao desconhecido, pois fez sua vida se desprender do corpo, onde “debaixo do negro de sua pele, um tom amarelo desbotado aparecia”; e quando, sem tomar consciência disso, foram roubados seus relógios e sapato por alguém que o chamava naquela multidão urbana. Assim como as demais personagens de Evaristo (2018) – que falecem no decorrer das histórias e tem sua efemeridade pífia tratada com banalização pelos outros componentes espaciais das narrativas –, Ardoça encontra a redenção do seu corpo velado aos olhos e fruição dos que leem o relato de seus universos e guardam os seus *segredos* não revelados, misteriosos como a morte, cuja assola a todos.

A gente combinamos de não morrer

O caos urbano, conhecido pelos registros brasileiros como confrontador assíduo da vida de muitos jovens que estão próximos às margens sociais, marca o fio dramático – e polifônico – de *A gente combinamos de não morrer*. As diversas fonias que habitam sua tessitura denunciam amplamente questões reais de vivências em mesmos díspares ao que deveria ser sereno, manifestam na sua ficcionalidade de arte a dor e a miséria, em ritmos que flagram acontecimentos capazes de nos inundar nos mares que refletem empatia, ainda que nunca tenhamos compartilhado e vivido na nossa individualidade dessas manifestações, em que as mortes não são encenadas como na televisão. “Na

lixreira, corpos são incinerados. A vida é capim, mato, lixo, é pele e cabelo. É e não é.” (EVARISTO, 2018, p.108)

O enunciado propõe, através de um caleidoscópio de vozes que compartilham das mesmas rotas, uma potência dramática que resgata todas as atmosferas vividas nos demais contos. "Os eventos são tecidos num enredo, no enredo de uma e de infinitas histórias possíveis, a história é sempre dirigida a quem ouve, lê, participa". (RELLA, 2010, p. 21, tradução nossa)²⁹. A dinâmica desse texto tece os tons finais da obra de Evaristo (2018), aglutina emoções que vivemos quando acompanhamos as páginas dessas personagens que nos agregam a possibilidade de se colocar no lugar do próximo.

As balas que riscam a paz do morro tomado como espaço em *A gente combinamos de não morrer*, compõem ruidosamente a extrema-unção daquelas e aqueles que por um descuido podem morrer. A força – assim como a fé, a revolta e o amor – emanada para existir e resistir a todas essas armadilhas que fazem as personagens de Evaristo (2018) caminharem nas linhas tênues da vida-morte gritam em protesto; encontrando nos seus ecos seu lugar de fala, sua *terceira via* capaz de os fazer fugir daquilo que ainda na língua dos seus ancestrais ardia.

Ayoluwa, a alegria do nosso povo

A esperança sempre foi a fonte dos que de alguma maneira acabaram caindo em labirintos de exílio; confiar naquilo que já é se mostra como a chave motriz para que seja possível se refazer, repintar culturas e apropriar-se daquilo que antes aparentava estar longe e banido. O espírito de união dos que individualmente sofreram pela crueldade alheia criam travessias de resistência, denunciando suas mazelas e conquistando seus espaços; lutando pela qualidade da manutenção do seu corpo, e dos corpos próximos ao retomar suas origens.

E ao edificar, tenta realizar seus sonhos. E sob os sonhos, alenta sempre a esperança. A esperança motora da história. E assim, nas ruínas, o que vemos e sentimos é uma esperança aprisionada, que quando esteve intacto o que agora vemos desfeito quiçá não era tão presente: não havia alcançado com sua presença o que consegue com sua ausência. (ZAMBRANO, 2010, p. 3)

Quando tudo era *pitimba* e miséria Ayoluwa³⁰, a alegria do seu povo nasceu – como narra uma das vozes que pertencem a esse povo. O esgotamento daqueles que eram conterrâneos a si compunham a melancolia do existir, não reconheciam o presente ao olhar para o passado, nem conseguiam visualizar perspectivas de futuro antes do nascimento daquela que derrotaria – com sua humanidade e choro – essa angústia da barriga vazia, memórias

²⁹ "Los eventos se tejen en una trama, en la trama de uno y de infinitos relatos posibles. El relato está siempre dirigido a alguien que lo escucha, lo lee, participa de él". (RELLA, 2010, p. 21)

³⁰ Em iorubá significa “a alegria das nossas pessoas”.

fragmentadas e vidas desamparadas clamando tristemente um fim. “O nosso povoado infértil morria à míngua e mais e mais a nossa vida passou a desesperançar...” (EVARISTO, 2018, p. 121)

Ayoluwa nasceu para fazer a vontade de viver existir novamente entre as suas pessoas idosas, adultas e jovens que desfaleciam e nada mais construía. Pelos braços da parteira Omolara³¹, e com a persistência de Bamidele³², sua mãe, a alegria daqueles que muito já sofreram “veio não com a promessa da salvação, mas também não veio para morrer na cruz. ” (EVARISTO, 2018, p. 123). O poder de recomeçar, reconstruir o amor próprio, e conseguir ver algo que está além das tristezas oferecidas são uma das vitórias que o povo negro – como todos os outros que tiveram sua história marcada com sangue e limitações – busca, sendo a arte uma das formas de expansão.

NOTAS FINAIS

Encontramos em *Olhos d’água* a oportunidade de fazer crescer em nós o altruísmo. As fontes de escuta que Evaristo (2018) nos propicia revelam sintomas sociais que persistem ao longo das gerações brasileiras – como a pobreza, marginalização e violência. Porventura dialogando com a morte, as personagens da obra são porta-vozes de vivências que denunciam atrocidades sofridas nos campos da realidade, assim como o exílio carimbado nos seus corpos que narram ambivalências existenciais.

Com consciência e propriedade a escritora resgata a competência da mulher negra de ser uma expoente intelectual para seus círculos interativos, exercendo um papel político de resistência a uma história que a tentou calar; esta banalizando seu físico, gênero e seus conhecimentos. O protesto artístico de Evaristo (2018) ganha seu poder, quando lido, ao criar potências empáticas, inspirando aqueles – nem que nunca tenham vivido na própria pele a discriminação, a miséria e o racismo latente – que decidem percorrer os olhos e a atenção nas histórias de exílio ilustradas dramaticamente.

Nessa *Arkhé* de transformação e negritude, enunciada através daquelas vozes de resistência que as grandes massas dominadoras tentam calar, usa-se da liberdade como morada; criando muitos caminhos por meio da palavra que expurga dores e canta pequenas vitórias mobilizadas pelo poder de resistir a situações que tentam esmagar sua esperança. A literatura emociona e faz pensar através da sua espiral de possibilidades; construída pela liberdade ela diz tudo aquilo emudrecido pelo tempo e nos aproxima de um novo, possibilitando voltar ao que ainda não foi incansavelmente revisto.

O relato posto em escritura abre espaço para uma terceira via, aonde personagens de expoente carga dramática circulam nos campos possíveis de representação. Essa aquarela de vivências nos pinta possibilidades de

³¹ Em iorubá significa “uma criança é a família”.

³² Em iorubá significa “esperança”.

experienciar e perceber mundos que nos fazem ativos pela nossa imaginação, emocionando os corações que resolverem se por abertos. Conceição Evaristo recolhe para si a voz do seu povo e dá forma em arte, floresce os que buscam *Olhos d'água* reflexos de um Brasil que vive e luta contra as mazelas da desigualdade – com as águas que fazem crescer, e também com aquelas provindas de lágrimas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. Uma história do negro no Brasil – Wlamyra R. de Albuquerque, Walter Fraga Filho. Salvador: **Centro de Estudos Afro-Orientais**; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: Ensaio sobre cultura e história da literatura – Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário** – Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe – Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DERRIDA, Jacques. *Paixões* – Tradução de Dóris Z. Machado. Campinas: Papirus, 1995.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2018.

NANCY, Jean-Luc. *Demanda*: Literatura e Filosofia. Florianópolis: Ed. UFSC; Chapecó: Argos, 2016.

_____. *La existencia exiliada*. **Revista de Estudios Sociales**, núm. 8, enero, 2001, p. 4. Universidad de Los Andes, Bogotá, Colombia.

PETERLE, Patricia. “Rastros rangentes: escavações capronianas”. In. **Ruinologias: ensaios sobre destroços do presente** – org. Ana Luiza Andrade, Rodrigo Lopes de Barros, Carlos Eduardo Schmidt Portela. Florianópolis: EdUFSC, 2016.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RELLA, Franco. **Desde el exilio**: La creación artística como testimonio – Traducción de Paula Fleisner. Buenos Aires: Ediciones La Cebra, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio**: e outros ensaios – Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

WERNECK, Jurema; LOPES, Fernanda; ZANETTI, Julia; SACRAMENTO, Mônica; XAVIER, Lúcia; PATROCLO, Maria Aparecida de Assis; BENTES, Nilma. **Mulheres Negras**: um olhar sobre as Lutas Sociais e as políticas públicas no Brasil – Organização de Jurema Weneck. Rio de Janeiro: Criola, 2010.

ZAMBRANO, Maria. **Uma metáfora da esperança**: as Ruínas. Desterro: Sopro, n. 37, Cultura e Barbárie, out2010.